



**Renata Barreto de Freitas**

***De crítico do Iluminismo a autocrítico***  
Jean-Jacques Rousseau e o ato de fundação  
de uma moral virtuosa

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Marcelo Gantus Jasmin.

Rio de Janeiro  
Setembro de 2006



**Renata Barreto de Freitas**

***De crítico do Iluminismo a autocrítico***  
**Jean-Jacques Rousseau e o ato de fundação**  
**de uma moral virtuosa**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura do Departamento de História do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof<sup>o</sup>. Marcelo Gantus Jasmin**  
**Orientador**

Departamento de História – PUC-Rio

**Prof<sup>o</sup>. Noéli Correia de Melo Sobrinho**  
Departamento de Ciências Sociais – UERJ

**Prof<sup>a</sup>. Berenice de Oliveira Cavalcante**  
Departamento de História – PUC-Rio

**Prof<sup>o</sup> João Pontes Nogueira**  
Vice-Decano de Pós-Graduação do Centro  
de Ciências Sociais PUC-Rio

Rio de Janeiro, 04 de setembro de 2006.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

## Renata Barreto de Freitas

Graduou-se em Ciências Sociais, Bacharelado e Licenciatura, na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) em 2003.

### Ficha Catalográfica

Freitas, Renata Barreto de

De *crítico* do Iluminismo a *autocrítico*. Jean-Jacques Rousseau e o ato de fundação de uma moral virtuosa / Renata Barreto de Freitas; orientador: Marcelo Gantus Jasmin. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de História, 2006.

124f. ; 29,7 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História.

Inclui referências bibliográficas.

1. História – Teses 2. História Social da Cultura. 3. Rousseau, Jean-Jacques. 4. Iluminismo francês. 5. Enciclopedistas. 6. *Philosophes*. 7. Século XVIII. 8. Hipocrisia. I. Jasmin, Marcelo Gantus. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de História. III. Título.

CDD:900

## **Agradecimentos**

Ao professor Marcelo Gantus Jasmin pela liberdade concedida para a realização deste trabalho.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora, Noéli Correia de Melo Sobrinho e Berenice de Oliveira Cavalcante.

Aos meus pais, Madeleine e Sérgio, pela atenção dedicada a mim.

Ao CNPq e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos.

## Resumo

Freitas, Renata Barreto de; Jasmin, Marcelo Gantus (orientador). **De crítico do Iluminismo a autocrítico. Jean-Jacques Rousseau e o ato de fundação de uma moral virtuosa.** Rio de Janeiro, 2006. 124p. Dissertação de Mestrado – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação propõe tratar de Jean-Jacques Rousseau com o objetivo de chamar a atenção para a maneira como ele peculiarmente constrói sua crítica ao Iluminismo a partir da idéia de que este se constitui como um movimento histórico, cuja noção de progresso e aperfeiçoamento das ciências, das letras e das artes acentuou ainda mais o processo de corrupção iniciado com a inserção do homem na história. E é exatamente no primeiro *Discurso*, na *Carta a D'Alembert* e nas *Confissões* que Rousseau – fazendo uso de um filosofar crítico distinto da sutileza erudita dos *philosophes* – explicitamente rompe com os representantes franceses do século XVIII naquilo que eles têm de mais degenerado – a faculdade do *amour-propre*. Embora este atributo seja indispensável à vida em sociedade, o genebrino condena o caráter exagerado e desfigurado que ele assume entre os enciclopedistas, a ponto de transformar-se no vício da hipocrisia. Sua preocupação em denunciá-lo conduz ao entendimento de que, além de ser um problema historicamente situado, também é um vício contra o qual a virtude da sinceridade, própria da natureza humana, opõe-se. Daí Rousseau considerar-se, além de *crítico* do Iluminismo, um *autocrítico* em relação a também ser, contrariamente às suas convicções, um *philosophe*. E é através de um exercício confessional que ele coloca em prática uma ética da sinceridade capaz de revelar o homem natural que se encontra escondido atrás da máscara da hipocrisia. O contexto do Iluminismo, enquanto convenção e artifício, é incapaz de revelar a identidade original de cada ser humano. Por isso o genebrino apresenta-se como o responsável por idealizar o contexto moral que deverá supri-lo. E a idéia de moralidade passa a ser expressiva para o entendimento da sua disputa com o partido das luzes. Desta forma, a dissertação também investiga como ele funda nestas três obras um novo homem e uma nova sociedade a partir de uma moral exemplar guiada pelos ditames de uma consciência sinceramente virtuosa.

## Palavras-Chave

J.-J. Rousseau, Iluminismo, crítica, hipocrisia, *philosophes*, enciclopedistas.

## Abstract

Freitas, Renata Barreto de; Jasmin, Marcelo Gantus (advisor). **From critic of the Enlightenment to self-critic. Jean-Jacques Rousseau and the act of foundation of a virtuous moral.** Rio de Janeiro, 2006. 124p. MSc. Dissertation – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research aims at Jean-Jacques Rousseau and has the objective of calling attention to the way he peculiarly constructs his critique of Enlightenment from the idea that it is constituted as a historical movement whose notion of progress and improvement of the sciences, the letters and the arts enhanced even more the process of corruption initiated with man's insertion in history. It is exactly in the first *Discourse*, in the *Letter to D'Alembert* and in the *Confessions* that Rousseau – making use of a critical philosophy which differs from the erudite subtlety of the *philosophes* – explicitly breaks with the french members of 18th century about the worst they have – the faculty of *amour-propre*. Although this attribute is indispensable to the life in society, the genevan objects to the exaggerated and disfigured character that it takes on among the encyclopedists, to the point of turning into the vice of hypocrisy. His preoccupation in demonstrating against this vice leads to the understanding that, besides being a historically situated problem, it is also a vice against which the virtue of sincerity, innate in the human nature, is opposed to. That is why Rousseau considers himself, besides a *critic* of the Enlightenment, a *self-critic* in relation to also being, in contradiction with his inclinations, a *philosophe*. It is through a confessional exercise that he places in evidence an ethic of sincerity capable of revealing the natural man who is hidden behind the mask of hypocrisy. The context of the Enlightenment, as a convention and an artifice, is incapable of revealing the original identity of each human being. That is why the genevan presents himself as the responsible for idealizing the moral context that will supply it. And the idea of morality becomes expressive to the understanding of his dispute with the enlightened party. Therefore, this research also investigates how Rousseau founds in these three texts a new man and a new society from a remarkable moral guided by the dictates of a sincerely virtuous conscience.

## Keywords

J.-J. Rousseau, Enlightenment, criticism, hypocrisy, *philosophes*, encyclopedists

## Sumário

1.Introdução	8
2. Rousseau e o <i>Discurso sobre as ciências e as artes</i> : o ato de fundação de uma moral anti-iluminista	13
2.1. Crítica à hipocrisia iluminista	13
2.2. O exercício antifilosófico	26
2.3. A virtude como verdadeira filosofia	32
3. Rousseau e a <i>Carta a d'Alembert sobre os espetáculos</i> : o ato de fundação de uma moral civil	45
3.1. Crítica à instituição do teatro	45
3.2. O temperamento do século na figura hipócrita do ator	55
3.3. A virtude como herança cívica	66
4. Rousseau e <i>As confissões</i> : o ato de fundação de uma moral pessoal	77
4.1. Crítica a uma geração	77
4.2. A autocrítica de um iluminista marginal	85
4.3. A virtude como fuga do vício do século	101
5. Considerações finais	110
6. Referências bibliográficas	120